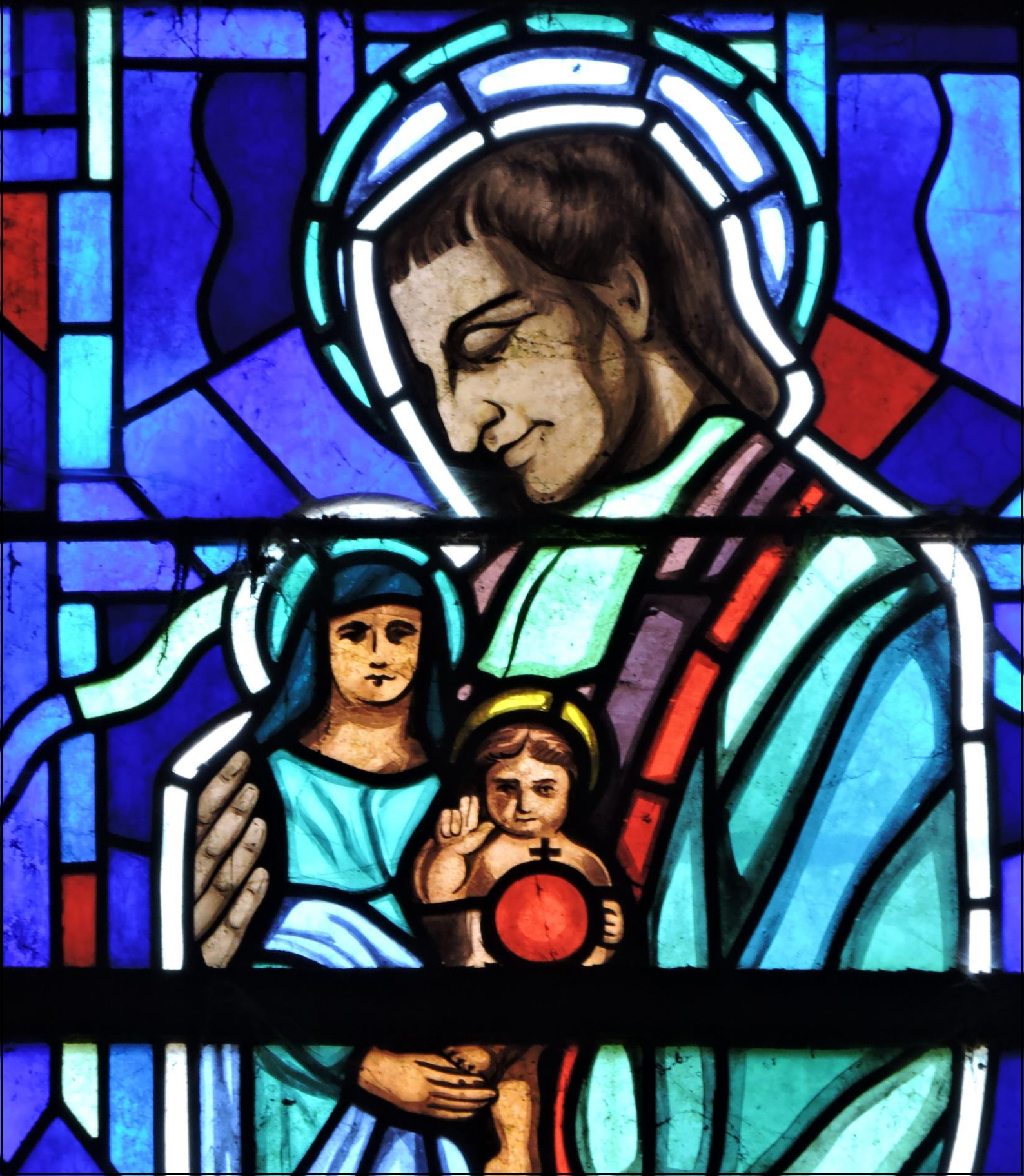


Jesus que Vive em Maria

Boletim Mensal de Formação e Informação - Nº 42, Outubro 2021 - Associação Maria, Rainha dos Corações



Um Centro da Associação

MOVIMENTO DOS ASSOCIADOS MONFORTINOS NO QUÊNIA, ÁFRICA ORIENTAL

Essa atividade foi recebida por este boletim no final de dezembro de 2020. Ela é fruto da colaboração dos confrades que estão presentes e que trabalham no Quênia. A comunidade escolar monfortina é agora liderada pelo Pe. Jacob Ombidi, SMM que também é membro do Conselho da Delegação Geral da África Anglofônica.



Pe. Jacob Ombidi, SMM

Breve história da associação

O Movimento de Associados Monfortinos no Quênia é um movimento leigo através do qual seus membros vivem, compartilham e promovem a espiritualidade da consagração total ao nosso Senhor Jesus através das mãos de nossa Mãe Maria, segundo a proposta de São Luís Maria de Montfort. Na verdade, é um grupo de leigos trabalhando em comunhão à Companhia de Maria no Quênia e em comunhão com todos os outros leigos monfortinos do mundo. Os associados do Quênia existem desde o ano de 2006, mas o desenvolvimento do grupo foi gradual até o ano 2019, quando sete novos membros contribuíram com o grupo, o que significa que os números aumentaram.



Entrada dos novos membros no decorrer dos anos

Todos os anos – com exceção deste período recente devido à pandemia causada pela Covid-19 – novos membros (cerca de 5 ou 6) consagram-se a Jesus através de Maria. No entanto, esse número diminuiu devido aos efeitos da pandemia, ao qual houve poucas pessoas que se consagraram e se uniram ao grupo. Normalmente, 25 membros participam ativamente das atividades em grupo.

Atividades de formação oferecidas aos Associados

Um encontro é oferecido aos Associados em todos os sábados do mês na Casa Monfortina por um padre ou um irmão monfortino. Há um retiro organizado por um padre monfortino, na mesma casa, duas vezes por ano. Normalmente, acontece no início do tempo do Advento ou da Quaresma.

Nome do atual coordenador:

Sr. George Montfort Ndinika

Atividades missionárias ou apostólicas realizadas pelos membros

Os membros costumam visitar colégios para partilhar sobre a vocação ao sacerdócio e à vida religiosa, com o auxílio dos irmãos e dos padres monfortinos. Além disso, realizamos peregrinações à santuários marianos uma vez por ano. A maioria dos membros foi para o Santuário Mariano de Subuki e para o Santuário Mariano de Komarock. Temos iniciativas referentes às obras de misericórdia, como visitar asilos ou orfanatos. No entanto, alguns desses programas foram suspensos devido à pandemia da Covid-19.

Maria é sábia: coloquemos tudo o que possuímos em suas mãos. Ela saberá dispor de nós e de tudo o que nos pertence para a maior glória de Deus» (ASE 222)

Cronograma de atividades regulares

Durante as reuniões mensais na Casa Monfortina, os membros rezam e escutam juntos uma reflexão dada por um padre ou por um irmão monfortino. Conversamos questões relativas à Associação (como avaliações e planejamentos). Os padres ouvem confissões e seguimos com a celebração eucarística. Os membros almoçam e confraternizam. Alguns deles participam da redação de artigos para a revista "Vagabond" publicados pela Delegação Geral dos Missionários Monfortinos da África Anglofônica. Além disso, os membros também participam com fervor dos dias de festa, especialmente aqueles muito apreciados pela Família Monfortina, como a Assunção da Virgem Maria e a festa de São Luís Maria Grignon de Montfort.



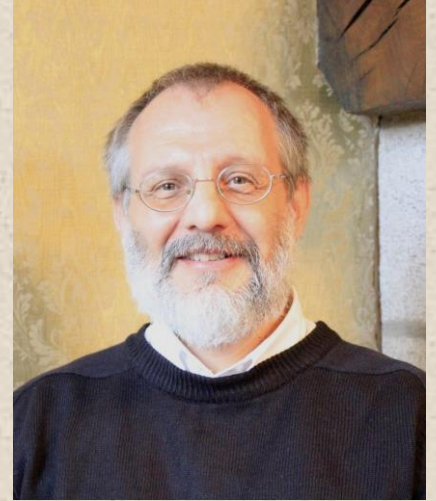
Desafios

O maior desafio encontrado desde o início do grupo é a falta de perseverança. Alguns membros se unem a nós todos os anos, consagram-se a Jesus através das mãos de Maria, mas depois deixam o grupo. Em outras palavras, o desafio é a ausência desses novos membros. Avaliamos essa realidade da pouca participação em nossas reuniões mensais. Embora o grupo tenha mais de 20 membros, pode-se observar que poucas pessoas comparecem para as reuniões frequentemente realizadas. Torna-se, portanto, difícil manter alguns membros que se dedicam porque alguns simplesmente optam pela consagração, mas depois não necessariamente se unem ao grupo.

Apesar da pandemia da Covid-19 ter afetado o número de atividades em nosso grupo de Associados, sempre mantivemos nossa reunião mensal, via ZOOM. Isso nos permitiu estar em contato uns com os outros e de reforçar nossa caminhada de todas as formas possíveis. ■

Ensinamentos

AMOR DE MONTFORT PELOS POBRES



Pe. Olivier Maire, SMM

Este texto é uma pequena parte do artigo do Pe. Olivier Maire, SMM intitulado "OS POBRES E A POBREZA NA VIDA DE LUÍS MARIA DE MONTFORT" publicado na revista "Spiritualità Monfortana", n° 3, em Roma.

Antes de ler este artigo, é bom termos a referência de três pessoas: primeiro a de Olivier Maire; em segundo lugar, a de Luís Maria de Montfort; e, por fim, a de Jesus Cristo. Colocamos Olivier em primeiro porque ele é nosso contemporâneo, enquanto Luís Maria é seu mestre que lhe ensinou a vivência para com os pobres, como discípulo do Mestre maior, e finalmente Jesus Cristo que é "fonte comum" onde Luís Maria e Olivier Maire beberam. Jesus Cristo é a raiz que transmite vida Luís Maria e Olivier. Ele é a principal razão pela qual Montfort e Olivier amaram os pobres.

A respeito de Montfort, que é o mestre espiritual de Olivier Maire e nosso mestre espiritual, ouvimos o que o irmão Daniel Busnel disse durante a missa do funeral do Pe. Olivier. Ele disse: "Você foi um discípulo do Padre de Montfort, tirou do nosso fundador um dinamismo para fazer da caridade a sua regra de vida". Esta caridade é algo que animou Olivier em sua decisão que ele fez, com sua comunidade, de acolher os peregrinos, os sem-teto e os pobres, em nossa casa em Saint Laurent-sur-Sèvre.

O Irmão Daniel disse que a caridade era a regra de vida de um discípulo de São Luís Maria de Montfort porque estava escrita na Regra deixada aos Missionários Monfortinos. O mesmo foi dito pelo Pe. Luizinho, Superior Geral da Congregação, que citou os escritos de Montfort sobre como seus missionários deveriam viver a vida em relação aos pobres. Aqui estão estes artigos da Regra escritos por Montfort.

“Terão os missionários o cuidado de praticarem reciprocamente uma caridade afável e espontânea, procurando até a ocasião de serem agradáveis entre si; cheia de respeito de uns para com os outros; cheia de paciência, suportando-se mutuamente nos defeitos.

A caridade, rainha das virtudes, é a soberana e a superiora da Companhia que governa com seu cetro de ouro. Esta virtude é a sua vida, o seu vínculo e a sua guardião; o orgulho, a autossuficiência e o espírito interesseiro serão banidos dela: limen obi, vivax imperat intus amor.

Terão pelos pobres uma diligência particular, tanto nas missões como fora delas, nunca lhes recusando a caridade, seja material, se puderem, seja espiritual, mesmo que por eles não digam mais do que uma Ave Maria.

Depois da catequese, darão o jantar a todos os pobres da paróquia que nela tenham participado; e todos os dias, nas refeições da manhã e da tarde, farão sentar à sua mesa um pobre” (RM 44-49).

Em vista do que aconteceu ao Padre Olivier, o Irmão Jean-Paul MBENGUE, Assistente Geral dos Irmãos de São Gabriel, em sua mensagem que me enviou em 10 de agosto de 2021, escreveu: “Padre Olivier foi consistente consigo mesmo. Ele ensinou muito de Montfort e seu amor pelos pobres. Mas ele não se limitou a palavras”. Olivier ensinou muito sobre Montfort e seu amor pelos pobres. Vejamos agora apenas uma parte do artigo do Padre Olivier sobre este assunto.

Arnold SUHARDI



1. O período de formação do jovem Luís Maria de Montfort

Já nos anos de 1688-1692, quando Luís Maria era aluno do colégio jesuíta de Rennes, os pobres faziam parte de seu mundo, além da vida pessoal, do estudo e do compromisso na vida espiritual.

“O tempo que os estudos e exercícios de piedade exigiam para este devoto aluno, era gasto visitando os pobres ou desenhando e pintando. Os dias de folga eram para ele dias mais livres para a piedade; e ele os dedicou a visitar hospitais e visitar os eclesiásticos mais piedosos; e todo o seu prazer, portanto, era falar ou ouvir sobre Deus” (BLAIN, nº 5).

Cuidar dos pobres, com visitas aos hospitais, fazia parte, portanto, da formação para uma vida cristã mais autêntica, numa associação que reuniu vários jovens sob a direção do Pe. Julien Bellier, aquele que exercerá muita importância, influência na vida de Luís Maria. Ele mesmo testemunhou isso em 1719, em uma carta a Grandet:

“Luís Grignon foi um dos primeiros e mais regulares a comparecer e levar os outros à prática das virtudes cristãs e clericais que lhes foram ensinadas. Este padre os enviava, após a conferência, nos dias de folga, dois a dois ou três a três, para servir os pobres no Hospital Geral e no hospital para incuráveis, para lerem para eles um bom livro durante sua estadia. Refeição, e depois o catecismo: Luís nunca deixou de realizar todos esses exercícios. Um dia, sua mãe, que viera a Rennes, no final de sua visita, foi ao hospital S. Yves visitar os enfermos; ela reconheceu ali uma pobre mulher a quem ela perguntou quem a tinha colocado naquele lugar, e ela respondeu: “É o seu filho, Madame, que me deu a entrada para esta casa e quem 'mandou trazer-me em uma cadeira de rodas””.



«Os pobres faziam parte de seu mundo, além da vida pessoal, do estudo e do compromisso na vida espiritual »

A piedade e o serviço aos pobres são inseparáveis, porque a caridade não diz respeito apenas ao aspecto material, mas à vida do espírito (catecismo, leitura espiritual). A vida cristã assim concebida não sofre de dualismo (alma e corpo), mas se divide em pontos de equilíbrio. O serviço aos pobres não é visto como um exercício individual ou privado, mas como um trabalho coletivo, realizado para uma missão recebida, que faz parte do que hoje chamamos promoção humana e social.



2. Para restaurar a dignidade perdida

Durante esse período de formação em Rennes, aparecem alguns traços essenciais do amor de Luís Maria pelos pobres.

“A sua grande piedade, até então muito escondida, começou a manifestar-se por um traço de caridade, das mais singulares, para com um aluno tão pobre e tão malvestido que era objeto de desprezo e zombaria alheia. O Sr. Grignon, para vesti-lo, tornou-se um mendigo por ele e não se envergonhou ao solicitar a caridade de seus outros companheiros para prover suas necessidades” (BLAIN, nº 8).

Ao oferecer uma roupa a seu camarada, Louis-Marie restaura uma dignidade perdida. Sabemos o quanto uma nova vestimenta é por excelência o elemento da aparência, da moda e, portanto, da aprovação social em todos os seus aspectos; não só esconde a vergonha da nudez ou da classe baixa, mas dá honra e dignidade, e assinala a pertença social, com as nossas reações relativas (cf. Tg 2, 2-4). O ato de caridade é visto como uma manifestação de piedade, indo além de uma autêntica vida espiritual. Surge aqui a singularidade de um gesto e de uma reação que alguns podem

considerar excessiva, perante uma situação inaceitável: a pobreza que suscita desprezo e escárnio. Luís Maria é empurrado para fora de si (existir, ex-esse) por um amor ao mesmo tempo afetivo e efetivo por um de seus "irmãos". Ele aceita a humilhação e não tem vergonha de compartilhar sua vergonha. É a expressão da fraternidade universal e da solidariedade com os pobres; uma caridade que não é apenas o altruísmo do horizonte humano; está profundamente enraizado no dinamismo da encarnação. Como Jesus Cristo, Luís Maria não se envergonhava de chamar de “irmãos” os pobres aos quais se aproximava (cf. Hb 2,11). Como a Sabedoria de Cristo, Montfort comove o coração com a desgraça dos pobres, escuta seus gemidos e seus gritos, afogado na ridicularização dos outros (cf. ASE 41). Ele não pode aceitar que a imagem de Deus esteja desfigurada e rasgada, nem que sua dignidade seja quebrada. A empatia de Montfort vai em excesso (cf. Sb 7, 23; ASE 45, 64), porque a dignidade não pode ser restituída aos pobres sem compartilhar suas humilhações. É preciso sentir-se acorrentado para realmente libertar o escravo: "A fim quebrar nossas cadeias,/ Ele se coloca nas algemas,/ E se carrega de nossas penas/ Para nos dar seus prazeres e seus bens" (CT 64,5) .



«O ato de caridade é visto como uma manifestação de piedade, indo além de uma autêntica vida espiritual».

Luís Maria também nos diz que não podemos ajudar os pobres sozinhos: ele pediu a caridade dos outros companheiros e do alfaiate, quando trouxe o pobre estudante diante de si: “Aqui está o meu irmão e o seu. Implorei na sala de aula o que pude para vesti-lo. Se não for o suficiente, cabe a você acrescentar o que falta” (BLAIN, nº 4). A ajuda é um esforço coletivo; caridade gera caridade. O amor pelos pobres precisa da coragem de assumir a responsabilidade por si mesmo e de superar o medo suscitado pelas recusas e pelos olhares dos outros. Montfort tornou-se um mendigo para ir ao encontro das necessidades dos pobres: partilhou a sua pobreza e, na pobreza, devolveu aos pobres a sua dignidade. Ao passo que, curiosamente, os ricos, quando são generosos, são por sua vez humilhados por aqueles que os rodeiam. É então que se deve saber dizer: “Não importa!”.

3. Um irmão mendigo pelos pobres

Foi em sua própria pobreza que Luís Maria encontrou tesouros para os pobres, muito mais do que se tivesse uma rica herança. Blain também relata que, durante o seminário em São Suplício, Montfort pediu aos seminaristas caridosos da comunidade uma esmola para ajudar os pobres, especialmente os sacerdotes mais humildes, e muitas vezes não reservou nada para si (cf. BLAIN, nº 31). O que recebeu só passou por suas mãos: foi mediador e canal da graça, dando a alguns o que recebia de outros. “Nada para ele, tudo para os pobres. Normalmente, dinheiro e roupas ficavam em suas mãos apenas o tempo necessário para repassá-los aos necessitados.” (BLAIN, nº 32). Esta expressão nos recorda de certa forma o *Totus tuus ego sum e omnia mea tua sunt*, a doação total de Maria a Jesus. Ele não só deu o que recebeu, mas deu até o que precisava, a ponto de se despir para o benefício dos pobres.

«Foi em sua própria pobreza que Luís Maria encontrou tesouros para os pobres, muito mais do que se tivesse uma rica herança»

A escolha em favor dos pobres não é ideológica. É uma escolha que vem do coração, uma inclinação, uma atração, que não tem outra lei senão a do amor, segundo o Evangelho. É uma imitação da escolha de Jesus Cristo: *Evangelizare pauperibus misit me Dominus* (Lc 4, 18 – retomado por Montfort nas Regras para os seus Missionários, nº 7). Uma escolha que sempre norteou o apostolado de Luís Maria.

“Além disso, não devia falar a ouvidos delicados, nem poupar, por um estilo disciplinado e gestos estudados, ouvintes de bom gosto e crítico; aqueles a quem aspirava, procurava, a quem se apegava, eram sempre os mais pobres e os mais abandonados. Seu zelo o levou a tudo que era lixo; correu atrás dos limpadores de chaminés, dos mendigos e dos miseráveis. E depois de tê-los reunido, distribuiu-lhes o pão da palavra de Deus, cuidando de se moldar em tudo no seu modelo divino, Jesus Cristo, que quase não teve discípulos e ouvintes senão os pobres e as pessoas comuns” (BLAIN, LVIII 251-252).

Essa opção propriamente messiânica é o selo que autentica a conduta apostólica de Montfort, amigo dos pobres.

“Os pobres e desafortunados, que sempre tiveram a preferência no coração, sempre a tiveram nas obras; e, se eles eram todos os primeiros e queridos objetos de seu zelo, os mais miseráveis e mais nojentos eram os de sua ternura. O que ele não disse a eles para consolá-los? O que ele não estava fazendo para ajudá-los? Pobres primeiro e tão pobres quanto eles, ele os ensinou a amar por necessidade um estado que ele amava por escolha e caridade. Ele os ensinou a sofrer com paciência, se não tivessem virtude suficiente para sofrer com alegria. E a essas instruções gentis e consoladoras acrescentou a esmola para cada um, meio eficaz de passá-las dos ouvidos ao coração” (BLAIN, LXVII 288-289).

A lista de iniciativas para ajudar os pobres é longa: refeição comum providenciada durante as missões, fundação de hospitais ou suas reformas, criação de escolas populares. Numa carta de 1718, o jesuíta Préfontaine escreveu:

“Os pobres, especialmente, e os camponeses foram aqueles com quem ele trabalhou mais prontamente. Era a eles que ele às vezes dizia que fora enviado, e por cuja salvação ele acreditava ter cobrado. Além disso, ele tinha um talento maravilhoso para conquistá-los e inspirá-los com todos os sentimentos que desejava. Essas boas pessoas eram apegadas a ele. Olharam para ele como um santo, e quando ele saiu de uma paróquia para ir para outra, eles o seguiram na multidão, com lágrimas nos olhos, e acreditaram que o perdedor havia com nada ficado. Olhando Jesus Cristo com os olhos da fé, na pessoa dos pobres, é inconcebível quão longe foi a sua caridade para com eles. Em todas as suas missões, eles o seguiram em multidões e, em qualquer número, sua caridade fez com que todos encontrassem algo para atender às suas necessidades. Ele os alimentou, ele os vestiu. Sua ternura por eles e sua compaixão foram comunicadas a todos os que se aproximaram dele e os inspiraram com sentimentos que combinavam com os seus. O seu exemplo atraiu a todos e estes tiveram o prazer e o dever de contribuir para as suas obras de misericórdia: uns com os seus dons, outros com o trabalho das suas mãos. Pois o jovem de Montfort tinha um talento particular para promover, nestas ocasiões, todos os meios de fazer o bem aos pobres, que uma engenhosa e cristã caridade sabe utilizar. Se ele exortou todos a amar os pobres, ele foi o primeiro a dar o exemplo. E mais de uma vez, eu o vi entrar em uma multidão de mendigos para dar ordem ao caos, para olhar pelo pobre mais repugnante, pegá-lo pela mão, levá-lo com ele, fazê-lo sentar à mesa ao seu lado, servi-lo antes de todos os outros e com o melhor e, no final da refeição, beijá-lo e conduzi-lo ele mesmo até a porta, mandando-o embora com uma esmola considerável. Então ele usou todos os dias, e em todas as missões que eu o vi fazer, ou em Nantes ou arredores. Pobre de si mesmo, nunca vestiu nada que a caridade não tivesse oferecido” (GRANDET, 446-448).

«Os pobres e desafortunados, que sempre tiveram a preferência no coração, sempre a tiveram nas obras; e, se eles eram todos os primeiros e queridos objetos de seu zelo, os mais miseráveis e mais nojentos eram os de sua ternura».

4. Sacramento de Jesus Cristo

Sem excluir ninguém do seu apostolado (cf. RM 7), o missionário Montfort faz uma opção preferencial pelos pobres e vê neles a presença real de Jesus Cristo, uma epifania que não é considerada uma simples metáfora ou um vago símbolo, sem sentido.

“Ele tinha uma inveja santa dos pobres e aflitos, honrou-os e respeitou-os como imagens vivas de Jesus crucificado. Um dia, ao vê-lo, tirando o chapéu, acompanhando até a porta um homem que me parecia um pouco surpreso com essas marcas de honra, perguntei-lhe por que estava honrando uma pessoa cujo estado não parecia tão bom. ‘É, ele respondeu, que ele está na cruz e que todos aqueles que são afortunados o suficiente para estar apegados a ela devem ser respeitados e honrados’” (BLAIN, 52).

Pode-se ser surpreendido por um Montfort que invejava os pobres e sofredores, mas também por um cônego Blain que considerava um pobre como "poucas coisas". Nessas “poucas coisas” Luís Maria viu o próprio Jesus que se expressa na Bíblia: “[...] fui esquecido, como morto aos corações, estou como objeto perdido” (Sl 30,13); “[...] não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar, [...] desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele” (cf. Is 53, 2-3); “[...] Quanto a mim, sou verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo” (cf. Sl 21, 7).

O chapéu na mão, acompanhando um pobre, diz mais do que um discurso, pois é a atitude que expressa o respeito pela presença divina neste pobre. Um gesto subversivo, que contempla a presença do Todo no vazio. “Em verdade vos digo, cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Como podemos esquecer aqui o episódio de Dinan, onde Montfort bate à porta dos missionários, carregando um pobre homem nos ombros e gritando: "Abra a porta a Jesus Cristo!" (Cf. Besnard 114)? Ou outros episódios como o evocado em Blain 17-18 (c. VIII), de um Luís Maria que desde muito jovem sai à procura de um pobre mendigo, acaricia-o, lança-se a seus pés para abraçá-lo. Os santos têm, assim, um excesso de zelo, que vem de um coração "inflamado pelo amor de Deus que já não se pode conter" (Ibid.).



«Em verdade vos digo, cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mt 25, 40).

Blain escreve ainda:

“Foi nessa época que fomos juntos ao campo, a um amigo comum (este é o Pe. Joseph de Saint-Méen) que pouco depois entrou para a Ordem dos Capuchinhos, onde era considerado um exemplo de virtude. Foi lá que conheci o Sr. Grignon mais de perto e que nos familiarizamos mais. Seus discursos eram apenas de Deus e das coisas de Deus. Ele exalava apenas zelo pela salvação das almas; e já, com o coração inflamado pelo amor de Deus, já não podendo conter-se, só procurava aliviá-lo com testemunhos eficazes de caridade para com o próximo. Mas ele procurou a lacuna para se contentar com isso e fugiu de nossos olhos para ir, em segredo, abraçar e acariciar um pobre mendigo, inocente, atordoado e muito desgraçado por natureza. Ele até se jogou aos pés dele para beijá-los, quando se imaginou fora dos olhos dos homens; mas não se escondeu tão bem que o surpreendi nesses piedosos transportes de caridade ”.

Sob estes excessos que, na nossa fraqueza, mais admiramos do que imitamos, esconde-se o segredo de uma grande fé.

“Foi pela fé que ele amou tanto os pobres em cuja pessoa olhava para Jesus Cristo. Foi pela fé que ele preferiu a pobreza a todas as riquezas da terra. É pela fé que ele colocou toda a sua felicidade ao carregar a cruz do Filho de Deus, ao sofrer os insultos, o desprezo e a humilhação” (GRANDET VI, p. 284-285).. ■



Homilia

EUCARISTIA

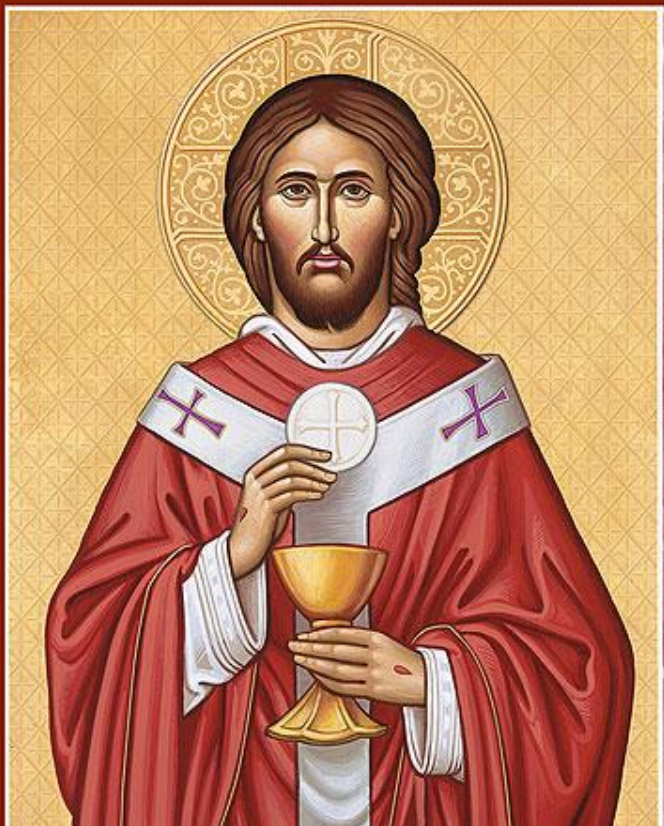
Última homilia do Pe. Olivier Maire, SMM
08 de agosto de 2021, em Saint-Laurent-sur-Sèvre

(1Rs 19,4-8; Sl 33; Ef 4,30-5,2; Jo 6,41-52)

Testemunha da Caridade, Pe. Olivier Maire, SMM (61), foi assassinado em 09 de agosto de 2021 em Saint-Laurent-sur-Sèvre, colocando em prática a espiritualidade de São Luís Maria Grignon de Montfort que ele pregou em muitos retiros e conferências e por todo o mundo: forte devoção à Virgem Maria, amor à Sabedoria, evangelização das periferias e do campo, serviço aos pobres. Missionário Monfortino desde 1986, sacerdote desde 1990, foi animador do campo, cooperou no Haiti, Mestre de Noviços n Uganda, eleito Provincial da França desde 2011, organista e permaneceu simples e acessível a todos.



Pe. Olivier Maire, SMM



A primeira leitura, do primeiro Livro dos Reis, nos traz a história do profeta Elias e lança uma nova luz sobre o mistério da Eucaristia.

Elias, fugindo da ira da Rainha Jezabel, vai para o sul, em direção ao Monte Horeb. Depois de um dia na estrada, ele descansa sob um junípero e um Anjo de Deus o serve com uma jarra de água e um pão cozido sobre as pedras.

Qualquer coisa que podemos tocar ou que contém algo que podemos realmente ver, pode ser representado pelo pão, pois este nós podemos realmente comer e é este pão, esta comida que está aí para nós, não apenas para o profeta Elias, mas para nós também.

A Eucaristia é o Pão do Reino. Não teremos mais a Eucaristia no paraíso, é uma verdade essencial a conhecer. No paraíso, não haverá mais Eucaristia. A Eucaristia é este alimento que Deus nos dá para o caminhar neste mundo.

É alimento concreto, Corpo e Sangue de Cristo, que estão aí para lembrar a nossa caminhada hoje, para o aqui e agora. A primeira mensagem que liturgia hoje nos oferece sobre o mistério da Eucaristia: que a Eucaristia é o Pão da itinerância, o Pão da nossa peregrinação terrena.

E no Evangelho, Jesus continua esta longa homilia que proferiu na sinagoga de Cafarnaum. E quando ele diz "Eu sou o pão que desceu do céu", os demais começam a reclamar e a murmurar contra ele, o texto literalmente expressa isso. Expressão que nos remete diretamente ao livro do Êxodo, onde o povo hebreu murmurava, reclamava contra Moisés e Arão e contra Deus, por lhe faltar comida.



E Jesus disse: "Sim, eu sou realmente o pão que veio do céu" (cf. Jo 6,40), e os murmúrios do povo de Cafarnaum manifestaram algo fundamental, pois eles disseram: "Esse não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos?" (cf. Jo 6,42). Portanto, visto que Jesus profere sua pregação e que João a relata, nós devemos prestar atenção aos detalhes. É um texto que traz o protagonismo de Jesus e com palavras carregadas do ensinamento d'Ele.

Assim disse o povo de Cafarnaum: "Não é Jesus, filho de José?" Conhecemos seu pai e sua mãe". Você não acha esta frase um pouco curiosa? Eles poderiam ter dito: "Bem, este não é o filho de José e Maria? Mas está escrito: "Não é Jesus, filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos?" Há uma pequena falha no texto. Sabe, os textos da palavra de Deus só parecem superficiais, mas na verdade estão cheios de profundidade e são para nós como um alívio.

«A Eucaristia é este
alimento que Deus nos dá
para o caminhar neste
mundo»

Jesus, filho de José, isso é o que o povo sabia, o que todos nós sabemos aqui. Jesus é filho de José, o carpinteiro, mas essas pessoas de Cafarnaum dizem: “Conhecemos seu pai e sua mãe”. Não, eles sabiam que Jesus é filho de José, mas não, eles não conhecem seu pai ou sua mãe. Eles sabem coisas sobre Jesus, mas o mistério de Jesus como filho de Deus é o que eles não conheciam. E mesmo eles não podiam saber disso. Eles pensaram que sabiam quem realmente é o pai e quem realmente é a mãe de Jesus, mas de Jesus, eles só sabiam que ele é o filho de José. O mistério da divindade, que Jesus é o Filho de Deus, que eles não conheciam e não sabendo deste alcance, eles não puderam entender esta frase de Jesus: "Eu sou o Pão que saiu do céu (Cf. Jo 6,35)". Para eles, Jesus era apenas terreno, ele veio deste homem: José. Eles não conheciam o mistério da eternidade : ele é o Filho do Pai, ele realmente desceu do céu. E neste texto São João como que nos diz que a necessidade de compreender o mistério da Eucaristia, está em compreender quem é o Filho.

O mistério da pessoa de Jesus-Filho está ligado ao mistério da Eucaristia. O mistério da Eucaristia está ligado ao mistério da pessoa do Filho. Um dos primeiros teólogos da Igreja, Santo Irineu de Lião, disse o seguinte: “Se Jesus Cristo não nasceu em carne verdadeira, carne de nossa carne, então o pão que compartilhamos, o corpo de Cristo não é seu, não é seu real corpo e se não é realmente no corpo de Cristo que comungamos, não somos salvos, estamos perdidos. Se o corpo de Cristo é o corpo de alguém que não teve a carne da nossa carne e os ossos dos nossos ossos, então este corpo de Cristo que compartilhamos na terra é apenas pão e se for apenas pão, não somos salvos. Se for apenas pão, não haverá mais ressurreição da carne.”

Se a carne não é regenerada por este pão que é realmente o corpo de Cristo, se Jesus Cristo não é realmente o corpo, então o pão que compartilhamos é apenas pão, não é mais o corpo de Cristo. E se este pão não é mais o corpo de Cristo, então pela comunhão com este pão nunca recebemos a vida eterna. E tudo o que Jesus disse, tudo o que Jesus disse na sinagoga de Cafarnaum, é tudo em vão.

Mas não, Jesus Cristo, ele é verdadeiramente o Filho da Virgem Maria e verdadeiramente Filho de Deus. E porque ele é verdadeiro Deus e verdadeiro homem que o pão que compartilhamos é verdadeiramente seu corpo e seu corpo nos dá vida eterna.

O mistério do Filho e o mistério da Eucaristia estão ligados. Negar um é negar o outro. Se o pão da Eucaristia é apenas pão, não posso dizer que a nossa alegria brota da divindade do Filho.

E Jesus tenta explicar aos seus ouvintes o mistério da sua divindade: o Pai, nunca ninguém O viu. Deus, ninguém jamais O viu, exceto seu Filho que desde a eternidade contempla a face do Pai. E é este Filho, Jesus Cristo, que nos diz São João, veio revelar o Pai. E ninguém ouviu seus ensinamentos se Ele não vier até mim. Vir ao Filho é receber o ensinamento do Pai, é receber a palavra de Deus Pai. E o que Jesus diz é importante: o mistério da Eucaristia, o mistério de Cristo não se esgota em Cristo. Cristo nos leva ao Pai. Dirigir-se a Cristo é ouvir esta palavra que vem do Pai até nós. O mistério da Eucaristia sempre nos leva ao Pai!

«O mistério do Filho e o mistério da Eucaristia estão ligados. Negar um é negar o outro».



Não sei se você notou, mas a maioria ou todas as orações na missa são dirigidas ao Pai, por meio do Filho no Espírito. Cristo nos traz ao Pai. A grande oração da Igreja, a grande oração da Eucaristia, também nos conduz por Cristo ao Altíssimo. As orações eucarísticas são todas dirigidas a Deus. Este é o grande movimento da liturgia, é o que diz Jesus: “Quem vem a mim recebe o ensinamento do Pai, recebe a Palavra do Pai” (cf Jo 6,35).

Jesus sempre nos leva ao seu Pai. Mas vir a Jesus nunca é uma iniciativa nossa. Quer saibamos ou não, se vamos a Jesus, é porque o Pai nos atraiu até lá. Se você está aí, para Jesus, se você veio esta noite, é porque o Pai te atraiu, para que através do Filho você possa se juntar a Ele e Ele se aproximar.

Também é um mistério: porque existem algumas pessoas que acreditam e porque existem outras que não acreditam? Por que alguns dos batizados praticam e outros não? Por que alguns experimentam a Eucaristia como algo extraordinário e por que outros participam da Eucaristia sem motivação?

O “jeito de fazer” de Deus que é o grande mistério. Deus atrai, alguns são atraídos, outros não. Isso não significa que aqueles que não são atraídos sejam rejeitados, mas essa é uma maneira do agir de Deus.

«Deus atrai, alguns são atraídos, outros não»

Deus, quando começou a sua aliança com a humanidade, não escolheu toda a humanidade, escolheu um povo, um povo particular. Cristo abriu este convite a todas as nações, mas não são todas as nações na sua totalidade, são pequenas escolhas - o Padre de Montfort chamou isso [predestinação] - pequenas escolhas de todas as nações. Eles são atraídos. Não porque os outros sejam rejeitados, mas porque esse mistério depende da maneira de fazer Deus, desse mistério da eleição.

As escrituras nos recorda como os frutos ou a colheita, nós tínhamos que oferecer os primeiros frutos. Toda a colheita não é oferecida a Deus. Se toda a colheita fosse oferecida a Deus, o que sobraria para comer? Mas um pouco da colheita é oferecido para que toda a colheita seja santificada. Bem, na humanidade, Deus faz a mesma coisa. Atrai alguns e alguns para que toda a humanidade seja santificada. “Ninguém vem a mim, a não ser que o Pai o atraia” (Jo 6,44).

E depois Jesus continua: “Eu sou o Pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá para sempre. O pão que darei é a minha carne, dada para a vida do mundo, o pão que darei é a minha carne, que é para a vida do mundo” (cf. Jo 6,51ss). Jesus distingue duas realidades para nos ajudar a compreender este mistério da Eucaristia. A Eucaristia é este pão que partilhamos, a hóstia que verdadeiramente nos é dada. Quando recebemos o anfitrião, ele nos pertence. Antigamente, costumávamos dizer nos pátios das creches: dar é dar, receber é roubar; mas quando Deus, quando Jesus se dá, ele realmente se dá.

A Eucaristia, o pão do céu que Deus nos dá, ele nos dá esse alimento. E é tão dado que, quando o comemos, é digerido e desaparece. O dom que Deus faz de si mesmo é um dom muito real e que a Eucaristia significa de uma forma completamente extraordinária.

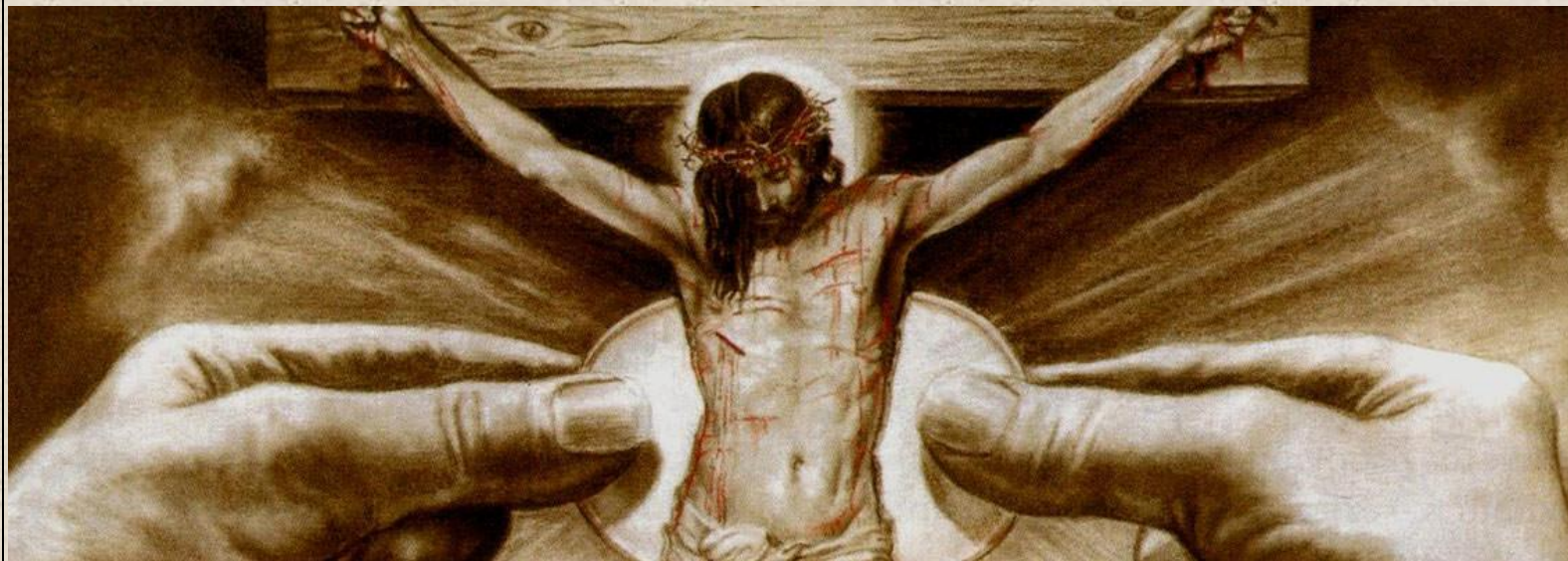
Mesmo a Eucaristia, quando é dada, nós podemos pegá-la e fazer o que quisermos com ela. Existem até pessoas que recebem a Eucaristia e que farão todo tipo de magia negra ou feitiçaria com ela, e a profanarão, porque Jesus está lá. E quando alguém profana uma hóstia, Jesus não se afasta desta hóstia, porque se deu a si mesmo e, como se deu a si mesmo, não se retira de volta. Daí a fé firmemente estabelecida na Igreja Católica, na permanência da presença de Cristo na Eucaristia. Uma vez que o pão é consagrado, ele é consagrado. Porque quando Deus se dá, ele se dá em toda a realidade. Ele não se recupera. Os dons de Deus, que são numerosos, não têm retorno.

E então ele disse: “[...] é a minha carne que é para a vida do mundo” (cf. Jo6,51). E sobre o pão que nos é dado, e faremos com ele o que quisermos, o recebemos para a maior glória de Deus na santidade, mas o corpo de Cristo permanece. E este corpo de Cristo, sua carne, é algo que Jesus diz que é para a vida do mundo. Jesus Cristo não vive para si mesmo. Jesus Cristo vive para que tenhamos vida. Toda a vida de Jesus é um presente que ele nos dá. Sua vida não pertence mais a ele. Ele morreu na cruz para nos dar vida. O pão que eu dou é a minha carne, que é para a vida do mundo. Jesus, ele é pela nossa vida. Ele não é por seu Pai, ele é por nós. Ele nasceu e morreu por nós. E a Eucaristia é para nós. Sua carne que é para a vida do mundo, este pão que é dado.

«Uma vez que o pão é consagrado, ele é consagrado. Porque quando Deus se dá, ele se dá em toda a realidade. Ele não se recupera. Os dons de Deus, que são numerosos, não têm retorno»

Mas há uma coisa que não é detalhe e que São Paulo nos lembra. Além disso, na Escritura se diz: “[...] quando fores convidado, ocupa o último lugar, de modo que, ao chegar quem te convidou, te diga: ‘Amigo, vens mais para cima’” (cf. Lucas 14,10). Isso se aplica à mesa eucarística. **Cristo nos convidou para esta refeição eucarística, para onde o Pai nos atraiu. Portanto, temos que dar uma boa olhada no que é servido na mesa, porque quando nos comunicamos, nos comprometemos a devolver a mesma coisa.** Visto que nesta mesa recebemos o Corpo de Cristo que se doa a nós, cuja vida, a carne, o corpo é para a vida do mundo, devemos fazer o mesmo.

É o que diz São Paulo no fim da segunda leitura. Procure imitar a Deus, pois vocês são seus filhos amados. Viva em amor, como Cristo amou você. Ele se entregou por vós - é a refeição que nos é servida, que nos será servida - oferecendo-se em sacrifício a Deus como um perfume de cheiro agradável. Ao comunicar-se no altar, recebemos o corpo daquele que se doou concretamente a nós, cuja vida não é para si, mas para nós. Ao receber o seu corpo, comprometemo-nos a fazer o mesmo, para que também a nossa vida seja entregue a Cristo, pela vida do mundo, ao nosso nível e entre nós. Mas temos que devolver a mesma refeição, temos que servir o mesmo “cardápio”. Comunicando-se no corpo de Cristo, ele se entrega a nós. Devemos também nos entregar a Cristo. É o que São Luís Maria Grignon de Montfort chamou de consagração, uma vez que Jesus se entregou a nós, devemos nos entregar a ele tornando-nos corpo de Cristo. Um só homem! ■



«Comunicando-se no corpo de Cristo, ele se entrega a nós. Devemos também nos entregar a Cristo. É o que São Luís Maria Grignon de Montfort chamou de consagração, uma vez que Jesus se entregou a nós, devemos nos entregar a ele tornando-nos corpo de Cristo»

Consagração

PREPARAÇÃO PARA CONSAGRAÇÃO NA BIELORRÚSSIA

Por Nathalie DOROCHKEVITCH



MINSK, Bielorrússia - Desde novembro de 2020, Daria e eu, Nathalie, da Bielorrússia, organizamos a quarta preparação para a consagração Total a Jesus pela Virgem Maria. Nós a realizamos pela Internet usando o aplicativo Viber. Não é por causa da pandemia da COVID-19, mas este meio nos permite reunir um grande número de participantes de diferentes partes do país. Não temos patrocínio para imprimir o livreto de 33 dias e entregá-lo às pessoas. Por isso criei o site <https://33-dni.blogspot.com> onde coloquei os textos das meditações diárias. Daria reúne participantes do Viber e a cada dia ela coloca o link lá com uma meditação que corresponde ao dia da preparação.

No dia 15 de agosto o grupo de 210 pessoas completou a preparação e fez a consagração. Após a preparação e o dia da consagração, Daria pediu aos participantes que compartilhassem um pouco sobre como viveram esse período, e, com isso, temos esses testemunhos. Daria tem muito entusiasmo e ela acredita que por causa disso a face da Terra mudará.

«Todos os dias senti que me aproximava deste grande dia em que me sentirei filha de Deus. Nunca me senti tão unida a Deus, com Jesus e com Maria. Muito obrigado por esta experiência e pelo aprofundamento da fé a todos aqueles que ajudaram a trilhar este caminho: aos tradutores, aos organizadores, a todos aqueles que aderiram a este grande evento. Que Deus preencha cada um de seus dons! Agradeço de todo coração!» **Tatsiana**

«Finalmente consegui realizar a consagração! Senti que a bênção do padre tinha um poder muito grande! E tenho certeza que foi graças a essa bênção que consegui realizar a preparação até o fim. Em geral, tudo correu bem, mas três dias antes da consagração começaram os ataques espirituais do espírito maligno. Mas não tive medo e fui até a Jesus e Maria. Ontem, depois da comunhão, senti que Jesus e Maria levaram todos os meus medos e preocupações, senti seu apoio muito grande e agora não tenho medo de nada porque Jesus e Maria estão comigo. É realmente um poder muito grande ser escravo de Jesus e de Maria. Agradeço sinceramente aos organizadores por esta preparação e pela tradução do Tratado sobre a Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem» **Volha**

«Essa preparação me ajudou a manter a paz em um momento muito difícil. Além disso, entendi em que direção devo ir. Obrigado!» **Guénadzi**

«Muito obrigado a você, Daria, e a todos os organizadores dessa preparação!!! Estou com você pela segunda vez. Mais uma vez, vi um tremendo amor e a misericórdia de Deus e da Virgem Maria por mim e por minha família. Deus te abençoe!» **Vanda**

«Obrigado, Daria, por organizar esta preparação para a consagração. Estou com você pela segunda vez. Eu vejo grande importância nisso. Vejo que a Mãe de Deus está me ajudando muito. São confissões gerais, especialmente nas festas da Bem-Aventurada Virgem Maria e um desejo muito grande de rezar o rosário. Para mim é muito importante. Que Deus te abençoe e que a Mãe de Deus te guarde» **Raiça**

«Muito obrigado por esta oportunidade de ter esta preparação. Isso me ajudou a fortalecer e aprofundar minha fé, a crescer espiritualmente» **Natalia**

«Esses preparativos são muito frutíferos. Estou muito grato a Daria» **Ianina**

«Muito obrigado por esta preparação, obrigada de todo o coração!» **Irina**

«Querida Daria, muito obrigado. Recebi uma tremenda ajuda espiritual. Todos os dias esperava uma nova meditação. Cada vez que orava com o coração. Hoje acendi uma vela, comprei uma rosa branca e coloquei-a perto de uma imagem da Santíssima Virgem e com a permissão do padre li o Ato de consagração a Jesus Cristo pelas mãos de Maria. Mais uma vez, um grande obrigado. Que o bom Deus os abençoe » **Valentina**

«Para mim foi muito importante ter essa preparação. É como se eu me olhasse de lado. Com a ajuda do Espírito Santo, aprendi a verdade sobre mim. Valorizo muito a posição das pessoas que confiam cegamente em Jesus Cristo e em sua Mãe. Posso dizer que a Mãe de Deus agiu comigo como o filho mais amado que dá os primeiros passos. Agradeço a Maria por seu apoio, sua sabedoria e aprendizado da Verdadeira Mãe» **Hanna**

«Obrigado pelo seu desejo de ajudar. Não senti nada, mas continuo a ter esperança porque o amor de Deus é mais forte do que todos os obstáculos e pecados» **Irena**

« A mais perfeita e a mais útil de todas as devoções à Santíssima Virgem consiste em consagrar-se inteiramente a ela e inteiramente a Jesus Cristo por meio dela, na qualidade de escravo, consagrando-lhe integral e perpetuamente o próprio corpo, a própria alma, os próprios bens interiores e exteriores, as satisfações e êxitos das próprias boas obras e do direito de dispor delas; faz entrega, enfim, de todos os bens recebidos no passado, dos que se possuem no presente e dos que se vierem a possuir no futuro» (ASE 219)

Missão

IRMÃOS DE SÃO GABRIEL NO BURUNDI

O futuro da grande Família Monfortina
em Bujumbura, Burundi

Por Arnaud KWIZERIMANA



BUJUMBURA, Burundi - Nos arredores de Bujumbura, Burundi, os Irmãos de São Gabriel estão atualmente concluindo a construção de um complexo escolar. Todos esses edifícios devem acomodar estudantes de diferentes níveis antes da universidade.

Foi o Ir. Marius quem iniciou a presença dos Irmãos de São Gabriel nesta cidade e que acompanhou essa evolução de perto. Para isso, ele foi recebido em uma das comunidades dos Militantes da Virgem Santíssima (MSV) em Bujumbura. Todos os dias, ele vai ao projeto para trabalhar dando o apoio moral e espiritual aos leigos.

Atualmente, Ir. Marius está passando pelo processo de obtenção de uma licença de funcionamento do governo para esta escola. De fato, a esperança é que essa escola possa começar a operar no novo ano letivo, em setembro de 2021. Um comitê governamental, antes de conceder uma licença, visitará primeiro este complexo para avaliar sua viabilidade.

É claro que, embora fisicamente os edifícios estejam quase completos, ainda há muitas outras instalações que podem ser fornecidas ao longo do tempo. A disponibilidade de professores e alunos também será avaliada. E espera-se que não haja obstáculos para o governo conceder as licenças necessárias. Afinal, o que esses Irmãos estão fazendo é, na verdade, uma contribuição muito importante para o futuro deste país, prestando atenção à educação de sua geração mais jovem.

Agora, Ir. Marius e outros dois irmãos ocupam um espaço deste complexo escolar e formam lá uma comunidade. Isso é, naturalmente, temporário, isto é, antes que eles tenham uma casa independente que será construída fora deste ambiente.

Esperemos que essa comunidade educacional, que está prestes a nascer, possa funcionar bem, e implementar a visão educacional monfortiana-gabrielista e a missão que são geralmente apreciadas pelos menos favorecidos na sociedade. ■



Iluminação bíblica

«DANDO SUA VIDA COMO RESGATE»

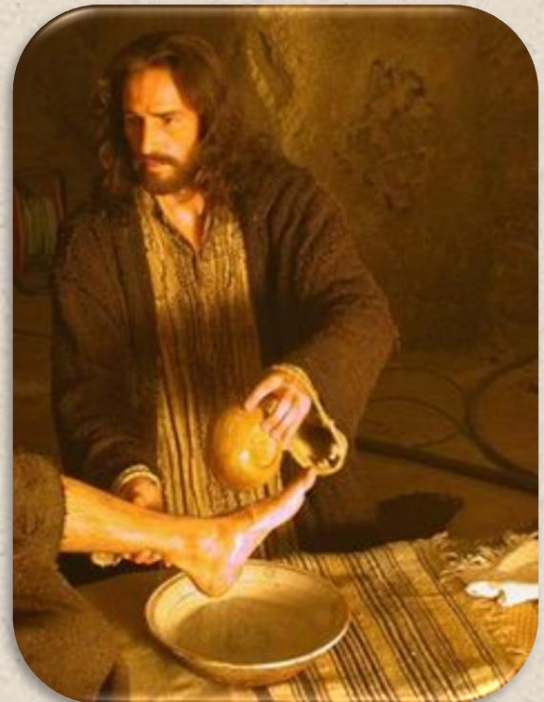
17 DE OUTUBRO DE 2021

Domingo, 29ª Semana do Tempo Comum – Ano B

Por Pierrette Maigné

Evangelho de Jesus Cristo segundo São Marcos (Mc 10, 42-45)

42 Jesus chamou-os e deu-lhes esta lição: "Sabeis que os que são considerados chefes das nações dominam sobre elas e os seus intendentos exercem poder sobre elas. 43 Entre vós, porém, não será assim: todo o que quiser tornar-se grande entre vós, seja o vossò servo; 44 e todo o que entre vós quiser ser o primeiro, seja escravo de todos. 45 Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redenção por muitos."



Jesus acaba de anunciar sua paixão pela terceira vez. Após cada anúncio da Paixão, Marcos menciona um mal entendido entre os discípulos.

Pedro se rebela e recusa a perspectiva anunciada por Jesus.

Os discípulos discutem entre si quem é o maior.

E aqui a pergunta surpreendente dos filhos de Zebedeu.

Jesus fala da vida que lhe foi dada e eles pensam no futuro e pedem um favor, um poder: “sentar-se à sua direita e à sua esquerda na sua glória.” Vemos a lacuna!

Eles entenderam o que Jesus acabou de anunciar a eles e o que ele está tentando fazê-los entender sobre o que ele aceita viver? Certamente não; daí a resposta de Jesus: “você não sabe o que está pedindo.”

Jesus evoca o **"cálice"** que vai beber. No Antigo Testamento, há várias menções de "cálice". O copo é o símbolo da comunhão com Deus.

Também há menção do cálice da salvação: durante os ritos da expiação, o sangue das vítimas era recolhido em taças e derramado no altar e no povo. Assim foi renovada a Aliança com Deus que o pecado e a infidelidade do povo haviam quebrado. Ritos que prefiguravam o sacrifício de Cristo e a Aliança Eterna com Deus pelo sangue de Cristo: “este cálice é a nova Aliança no meu sangue derramado por vocês.” (Lucas 22,20).

Os profetas costumam usar a imagem da taça. Isso designa o destino do homem.

Depois de ter mencionado o cálice, Jesus fala do **batismo** em que deve ser imerso: ser imerso na água é ser imerso na morte; desde a ressurreição de Cristo, este mergulho na morte também deu origem a uma nova vida. Por meio do batismo, morreremos para o pecado para renascer com Cristo.



Os apóstolos compartilharão o destino de Jesus, pois morrerão mártires.

Os dois irmãos queriam sentar-se à direita de Jesus: uma posição de poder, de dominação. Jesus os convida a renunciar a isso porque Deus não reina como os homens, não é quem escraviza, mas quem liberta. Ele lhes dá o sentido da sua vida e da sua missão: servir e dar a sua vida, ser servidor de todos e não aquele que os mantém escravos sob o seu domínio.

"Dar sua vida como resgate" tem havido muitas interpretações errôneas dessa expressão; deriva de um verbo que significa: afrouxar, separar, libertar. Isso é o que Jesus realizou em sua vida pública por meio dos milagres que os Evangelhos nos contam. Mas Deus não nos liberta sem nosso consentimento, sem conversão de nossa parte e nossas recusas lhe custarão a vida; vida que ele aceita dar para que a salvação chegue ao seu povo e a toda a humanidade.

Como não dar graças por esta salvação e esta libertação que Jesus nos dá com a sua morte e ressurreição e como discípulos de Cristo, com a ajuda do Espírito Santo, para continuar a sua obra para que os nossos irmãos possam ainda hoje conhecer como filhos de Deus e sejam livres de toda escravidão e opressão. ■



MISSIONÁRIOS MONFORTINOS

Tel (+39) 06-30.50.203 ; Fax (+39) 06 30.11.908 ; Viale dei Monfortani, 65, 00135, Roma - ITALIA;
E-mail: rcordium@gmail.com ; <http://www.monfortian.info/amqah/>